



Universidade Federal de Sergipe
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de História

MAX WESLEY SANTOS CARDOSO

São Cristóvão – SE

Maio, 2016

MAX WESLEY SANTOS CARDOSO

**SEXUALIDADE, HISTÓRIA E NOTÍCIA: REPRESENTAÇÕES
HOMOSSEXUAIS NA IMPRENSA SERGIPANA (1988-1999)**

Monografia de licenciatura apresentada à
Universidade Federal de Sergipe como
requisito de finalização da disciplina Prática
de Pesquisa e conclusão do curso.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edna Maria Matos
Antônio.

São Cristóvão/2016

AGRADECIMENTOS

Esta monografia é umas das conclusões de uma longa jornada de quase quatro anos dedicados ao curso de Licenciatura em História. Para concluir este ciclo tive o auxílio de diversas pessoas, sem as quais não seria possível a concretização deste trabalho, portanto, deixo aqui, meus agradecimentos aos principais contribuintes para o sucesso dessa caminhada.

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem a força que ele me deu, não teria chegado a este ponto. Agradeço também aos meus pais, Wendja e Jefferson, aos meus irmãos, Manoela, Mayson e Emilly e ao meu namorado, Luan que foram as pessoas que mais suportaram os dilemas de uma monografia. Aos amigos e amigas íntimos, Michelle, Joedna, Hevida, Camilo e Vinicius por entenderem as grandes ausências nesse período.

A Bia, a amiga de longa data que se fez muito presente, cobrando, apoiando e contribuindo para que este trabalho fosse concretizado.

As amigas da UFS, Cândida e Val por estarmos juntos em toda essa jornada.

Ao professor Dr. Marcos Ribeiro de Melo por ter contribuído em momentos da pesquisa que foram cruciais, no seu início quando participei do Seminário “Gênero e sexualidades em fluxo” em 2014 e no fim da pesquisa ao contribuir com uma bibliografia quase impossível de se encontrar, além de seu trabalho ter sido um grande referencial.

A professora Dra. Célia Costa Cardoso, por ter sido uma grande mãe e ter me iniciado na vida acadêmica me acolhendo no PIBIC em 2013 e no PIBID 2014, oportunidades aos quais guardo grande apreço.

E um agradecimento especial tanto profissional quanto pessoal à minha orientadora Professora Dra. Edna Maria Matos Antônio, pelo acompanhamento, contribuições, conselhos, o bom humor e toda a positividade que deste a mim e a minha pesquisa.

A todos meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este estudo é composto por três partes: na primeira fazemos um levantamento histórico e historiográfico das relações homoeróticas em variados tempos históricos e em diversas culturas; no segundo momento, aproximamos a questão para as relações no Brasil na abertura política de 1978 momento em que surge a primeira organização e movimentação dos homossexuais em busca de afirmação em vários âmbitos; e por fim, após a construção de noções de como esse fenômeno é tratado, trazemos a questão para um estudo específico de caso para entendermos como os jornais sergipanos representavam os homossexuais por fins da década de 1980 e toda a década de 1990 que são importantes décadas para consolidação e aceitação dos gays na sociedade em todo o mundo. A metodologia adotada foi análise dos jornais juntamente com uma pesquisa bibliográfica sobre o tema com confrontações e questionamentos. Em termos de referências teóricas, a pesquisa foi conduzida sobre a perspectiva da História Política Renovada e suas implicações na historiografia e na análise discursiva a Linguística Funcionalista. Concluindo-se a pesquisa, foi possível observar a pluralidade das relações homoeróticas e as mudanças discursivas e visibilidade que o tema vem ganhando perante a sociedade em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Relações homoeróticas; Discurso; Representação; Sociedade e História.

ABSTRACT

This study it's composed of three parts: The first did a historical survey and historiographical of homoerotic relations at various historic times and at various cultures; the second moment we approach the issue for relations in Brazil 1978 political opening that is when there is the first organization and movement of homosexuals seeking affirmation in various areas; and finally, after the construction of notions of how this phenomenon is treated, We bring the issue to a specific case study to understand how the Sergipanos newspapers represented homosexuals for purposes of the 1980s and throughout the 1990s that are important decades for consolidation and acceptance of gays in society worldwide. The methodology used was analysis of the newspaper together with a literature search about the subject with confrontations and questioning. In terms of theoretical references the research was conducted from the perspective of History Renewed Policy, and yours implications for historiography and discourse analysis to Linguistics Functionalist. Concluding the research was possible see the plurality of homoerotic relations and discursive changes and visibility that the issue has gaining in general society.

KEYWORDS: Homosexuality; homoerotic relationships; Speech; Representation; Society and History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. HOMOSSEXUALIDADE EM PAUTA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA	10
2. UMA INTRODUÇÃO AO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO	22
2.1 Um protótipo de um Movimento Homossexual Brasileiro na década de 1960?.....	24
2.2 A Gênese do Movimento Homossexual Brasileiro: O Lampião de Esquina.....	26
2.3 O primeiro Grupo Homossexual Brasileiro: Somos	30
2.4 O Advento da AIDS: Uma Faca de Dois Gumes	31
3. O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL SERGIPANO	34
4. REPRESENTAÇÕES DOS HOMOSSEXUAIS NOS JORNAIS SERGIPANOS (1988-1999)	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
FONTES	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma das temáticas que vem se tornando cada vez mais alvo de interesse dos historiadores, como afirma Magali Engel:

A preocupação com temáticas até então consideradas irrelevantes vem despertando, principalmente a partir das duas últimas décadas, um interesse cada vez maior por parte dos historiadores. O amor, a paixão, o corpo, o desejo, as emoções, a doença, a loucura, enfim, novos temas ou antigos objetos vistos através de novos olhares ou, ainda, temáticas tradicionalmente pertencentes a outros campos de conhecimento têm sido objeto de um número crescente de investigações históricas, através dos mais variados enfoques. (1997, p.429)

A homossexualidade em específico também vem ganhando espaço notável, uma vez que essa por muito tempo foi relegada aos discursos religiosos e no século XIX, aos discursos médicos e psicológicos que versavam contra essas pessoas e por muito tempo se construiu e ainda se constrói uma imagem de que o homoerotismo é um pecado e doença e que essas relações foram vistas como torpes e rejeitadas em toda sociedade. Nesse sentido, muitos estudos vêm tendendo a desconstruir essa rejeição da homossexualidade e mostrando sua presença e aceitação na sociedade. Outros estudos mais recentes buscam não apenas mostrar sua existência, mas trazer à tona esses indivíduos como atores sociais ativos.

Nossa pesquisa se divide entre essa produção mais “clássica” e atual. De um lado, trazemos uma abordagem recorrente sobre o tema buscando mostrar a presença da homossexualidade na sociedade, sua aceitação. Do outro, buscamos compreender os homossexuais como elementos já atuantes e reconhecidos pelo corpo social, que conseguem se organizar, mobilizar e possuir visibilidade.

O estudo tem como propostas teóricas e analíticas a História Política Renovada e a Linguística funcionalista. A História política é um campo historiográfico recente que na

ótica de René Remond (2003) existe uma relação de poder e influências recíprocas entre meios de comunicação, sociedade e política que não devem ser observados isoladamente, mas sim como uma rede de poderes que mutuamente se entrelaçam e influenciam e os meios de comunicação por transitarem tanto entre o apoio político e social é o mais fortalecido e que exerce grande influência. Já a linguística funcionalista preconiza o estudo da linguagem observando essa não apenas na sua estrutura básica, morfológica e sintática, atribuindo a partir disso, seus significados, mas prega que a linguagem e seus desdobramentos possuem significados sociais.

Essa opção teórica é fundamentada para pautar nossos estudos por entendermos que em determinado momento do tempo os homossexuais se tornam agentes mais ativos da história, participam da vida política para buscar seus direitos e sua maior forma de expressão, divulgação e organização é a mídia.

A escolha de fontes jornalísticas impressas para desenvolver uma parte do trabalho é realizada pela observação que os impressos tem tido um papel fundamental durante toda a história brasileira, conseguiu espalhar ideias e contribuiu para a execução de vários projetos políticos e ideológicos, a exemplo da “proclamação da república” em 1889 e do Golpe de 1964.

Assim, o trabalho se estrutura da seguinte forma: no primeiro capítulo, fazemos um levantamento histórico e historiográfico das relações homoeróticas em várias culturas e em vários tempos, com intuito de mostrar a pluralidade da questão; no segundo, trazemos a questão para um momento específico da história brasileira, o período de abertura política em 1978 e que incide na construção do Movimento Homossexual Brasileiro e com um momento de afirmação homossexual, tanto no que se refere na sociedade quanto na academia, onde fazemos algumas considerações e críticas. Ambos os capítulos fazem parte de um estudo sistemático para compreender essas relações na nossa sociedade, na história e

que serve como base para os nossos dois últimos capítulos; que tem como objetivo analisar a construção do Movimento Homossexual Sergipano e como estão sendo representados os homossexuais em jornais impressos em Sergipe por fins dos anos de 1980 e por toda a década de 1990, considerando que a homossexualidade não é um fenômeno isolado e os jornais representam um meio de comunicação capaz de influenciar e são influenciados por vários setores da sociedade, e assim, serem capazes de mostrar em algum grau a forma de como os homossexuais são vistos nessa época.

CAPÍTULO 1

HOMOSSEXUALIDADE EM PAUTA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Todo historiador quando se propõe a escrever qualquer História, automaticamente se põe a uma tarefa difícil e árdua, pois, tentar descrever o passado exige uma longa série de pesquisas, análises e confrontações para que aquilo que foi estudado e conseqüentemente descrito e registrado sobre o passado sejam o máximo possível fidedigno daquilo que se passou. A História, aqui, pode ser compreendida a largos traços como uma ciência que tem como objeto de estudo o passado. Embora, muitas vezes usados como sinônimos, Jenkins (2001.p.24) mostra que: “(...) passado e história são coisas diferentes”.

Temos nesse sentido uma simples e ao mesmo tempo complexa afirmação e distinção, que naturalmente incide em um questionamento: em que ou para que se faz necessário entender essa diferença entre história e passado? Neste capítulo, temos a proposição de fazer um balanço sobre a história da homossexualidade, mostrando uma evolução cronológica que retrata um pouco dessas relações do mundo, durante vários espaços temporais. No percurso da pesquisa, essa história da homossexualidade que seria basicamente ocidental, ganhou novos componentes: ela saíra do Ocidente e foi para o Oriente, rompendo com uma visão anteriormente vista exclusivamente por europeus e que naturalmente vivia sob o julgo da tradição Judaico-Cristã.

Contudo, é importante afirmar que mesmo com esse novo norte de pesquisa, não se pode entender que aqui esteja abarcada toda uma história e passado da homossexualidade do mundo, uma vez que esse tipo de relação se deu de alguma forma em todas as culturas,

o historiador inglês Keith Jenkins (LOWENTHAL apud JENKINS, 2001, p.) deixa essa limitação muito clara, “nenhum historiador consegue abarcar e assim recuperar a totalidade dos acontecimentos passados, porque o ‘conteúdo’ desses acontecimentos é praticamente ilimitado.” Assim, conhecendo e referenciando tais problemas de pesquisa, iremos mostrar várias culturas que de alguma forma tiveram no seu seio social atividades homossexuais e como essas relações eram tratadas e/ou observadas.

De acordo com o Doutor Antônio Brancaglione Júnior, antropólogo/arqueólogo e egiptólogo, era quase impossível se pensar relações homoeróticas no Egito Antigo (2011). Mas, como afirma o mesmo autor: “Por outro lado, existe certa aceitação que o homoerotismo (masculino/feminino) esteja presente em todas as sociedades, sejam modernas ou antigas” (2011, p.70). No que se refere ao Egito Antigo, ainda há problemas de fontes históricas e trabalhos que possam indicar com certa fidedignidade a homossexualidade na antiga sociedade, uma vez que até agora, as fontes encontradas são de uma dimensão mitológica e divina ou quando mais real, elas não abrangem todos os setores da sociedade, quase sempre tem como destaques a Faraós e “funcionários públicos”, proporcionando ao tema diversas interpretações.

Uma das menções mitológicas mais famosas sobre relações homoafetivas no Egito Antigo vem de um mito chamado a Grande Contenda, onde “Hórus é convencido a dormir junto com Seth, que, durante a noite, ‘endurece seu membro e o coloca entre as coxas de Hórus’”. (BROZE apud. BRANCAGLIONE JR., 2011).

Outros exemplos estão na tumba de Niankhkhnum e Khnumhotep e no conto do Faraó Pepi II. A primeira tem a representação de dois homens (Niankhkhnum e Khnumhotep) e suas famílias, o que chama a atenção é que os homens estão em posições com gestos afetivos que normalmente eram realizados por casais, mas também podendo ser

interpretado que seriam irmãos gêmeos. No conto, o faraó mantém uma relação com o general Sanset, onde a majestade fazia o papel ativo.

Até agora os exemplos objetivaram mostrar a presença de relações com pessoas do mesmo sexo na sociedade, mas não evidenciaram como essa mesma sociedade tratava e visualizava essas afinidades. Um documento que transita no plano mitológico e ao mesmo tempo na sociedade é o *Livro dos Mortos*, e nele encontramos evidências claras sobre como a sociedade via as relações homoeróticas: “No capítulo 125, na chamada *Confissão Negativa*, o morto nega diante de o Tribunal Divino ter cometido uma das 42 ações condenáveis que impediram o seu pós-vida”. (BRANCAGLION JR., 2011, p.72). O importante destacar sobre essa (e outras passagens) do *Livro dos Mortos* é que há o medo do julgamento e a veemente negação do ato, que nos permite refletir e interpretar a existência de uma não aceitação dessas relações e a condenação significava o fim da existência do morto.

Pensar no homoerotismo na Antiguidade sem mencionar as culturas greco-romanas é quase impossível, uma vez que essas sociedades foram os berços de quase toda cultura Ocidental. Embora seja fácil constatar essas relações, elas não acontecem e tem um mesmo formato e aceitação dentro de uma unidade a exemplo da Grécia, quiçá, entre gregos e romanos. Na Cidade-Estado de Atenas, alguns estudos apontam que existiam relações afetivas entre homens (pederastia) que eram aceitas, que se configurava por um homem mais velho que normalmente fazia o papel ativo, penetrador (erastes) e um mais jovem que era passivo, penetrado (eromenos) que para além da afetividade e sexualidade teria uma finalidade de transmitir conhecimento e era um padrão da educação masculina ateniense.

Em Tebas, Cidade-Estado da Grécia, que era reconhecida pelos seus feitos militares, existia um Batalhão Sagrado composto por 150 pares de soldados homossexuais,

que se tornaram famosos por vencerem os Espartanos em combate, e foram vencidos por Filipe da Macedônia na batalha da Queroneia (338 a.C.), onde foram mortos (o costume da época é se tornarem escravos de guerra) apesar de já estarem vencidos, ao qual, Plutarco mostra o código que os sustentava, abrindo uma grande lacuna interpretativa que indicia a existência de relações de amor entre esses homens:

Por que os homens da mesma tribo ou família pouco se prezam quando o perigo aperta; mas um grupo cimentado pela amizade baseada no amor nunca se desfaz e é invencível; pois os amantes, com vergonha de agir com desonra à vista dos amados, e os amados diante dos amantes, se precipitam livremente para o perigo em defesa um dos outros. (NAPHY, 2004, p.57)

A Grécia Antiga tem as relações homoeróticas bem claras na sua cultura, obviamente que não era totalmente aceita, a pederastia em Atenas foi criticada por Plutarco, as relações dos soldados tebanos também pelo Orador Cícero, e muito provavelmente por outros cidadãos gregos. O que aqui importa ressaltar é que essas relações existiam e em algum grau era aceita, além de ter ficado marcado monumentalmente quando um dos maiores escultores gregos, Fídias (500 a.C.) escolheu um homem de Eleata, Pantarkes, seu amado, para representá-lo na base da escultura de Zeus sentado no Olimpo (hoje considerada a sétima maravilha da antiguidade). Além disso, os helênicos, mesmo depois de conquistados por Roma, não abriram mão dessas relações, na verdade, eles acabaram influenciando-os.

Quando Roma conquistou os gregos integralmente em 338 a.C. com Alexandre Magno, os conquistados ainda sim, inserem muito da sua cultura, inclusive, na sua sexualidade. Uma das fontes que demonstram a sexualidade dos romanos, principalmente no que diz respeito aos imperadores é *As Vida dos Doze Césares*, escrita por Suetônio durante o governo do imperador Adriano (117-138 d.C). A obra mostra do imperador Júlio Cesar a Domiciano, mostrando a vida e as aventuras sexuais de cada um, além de sua

repercussão no império, o que permitiu a Suetônio traçar a aceitabilidade e repercussão das atividades sexuais dos romanos.

Júlio César, o primeiro imperador romano, no limite da idade permitida, 19 anos, foi penetrado pelo rei Nicomedes da Bitínia, o que gerou muitos gracejos do povo romano, assim, mostrando certo repúdio que poderia ter sido maior, caso ele, depois de adulto fosse um “*impudicitia*” (homem que fazia o papel passivo). Um dos casos mais escandalosos apontados por Suetônio é o do imperador Nero, que mantinha relações com homens (e mulheres), era penetrador e penetrado e ainda se casou com dois homens (seguidamente) com cerimônias que foi semelhante à de um homem e uma mulher. O que merece muito destaque é que ele atribui a um desses homens o título de imperatriz e é satirizado por Suetônio que afirma que se o pai de Nero tivesse tido esse “gênero de esposa” o mundo teria sido um lugar melhor, mostrando claramente a reprovação aos atos do mesmo.

Os romanos não tinham tradição de pederastia (da mesma forma dos atenienses) ou em relações sexuais do mesmo sexo ao que se aparentava, a noção cultural romana propunha que o sexo era basicamente dominar e penetrar. Entretanto, o contato cultural com os Gregos foi tão forte, que eles se apropriam das formas de relações helênicas, principalmente no que se refere ao amor entre pessoas do mesmo sexo e somam isso a sua cultura de dominação e de certa forma criam nichos culturais para sexualidade:

Os Romanos, como os Gregos, não dividiam os actos sexuais em “homossexuais” (maus) versus “heterossexuais” (bons). Os Romanos (homens) adultos desejavam, amavam e tinham relações sexuais com mulheres e pueri(rapazes). Na verdade, a poesia romana elogiava com mais frequência as virtudes do sexo com rapazes adolescentes do que as do sexo com as mulheres (ou raparigas adolescentes). Contudo, os Romanos foram peremptórios na fixação das suas próprias distinções: “homem + rapaz(bom , pelo o menos para o homem) e homem + homem (mau)”. A primeira relação era sociavelmente aceitável e chamava-se mais propriamente pederastia – e tinha muito em comum com a situação na Grécia. A segunda, porém, era a homossexualidade descrita (e reprovada) pelos Romanos como aquela que um homem adulto escolhe ou prefere ser penetrado por outro homem. Os Romanos percebiam

perfeitamente que se tratava de uma questão de gosto e preferência, mas não deixavam de a reprovar. (RICHLIN apud NAPHY, 2004, p.63)

As concepções de sexualidade em Roma passaram a ter mudanças, com o advento do Cristianismo, uma religião monoteísta cheia de valores morais baseados nas leis mosaicas e incutir valores na sociedade que criará aversão com todo um sistema cultural que lhe seja divergente, então, toda uma cultura de tradição pagã e os que para eles seriam resultado disso, seria caçada, é daí que de certa forma vai se começar a sentir a perseguição aos homossexuais que serão vistos como pecadores.

O primeiro imperador Cristão convertido de Roma, Constantino I (que governou entre 306-337) mostra claramente o que está por vir quando abole o casamento homossexual e o paganismo, e a partir daí vai se acentuar o terror. Durante o reinado do Imperador Teodósio por volta de 390 vai por em lei algumas mudanças que vão afetar as relações entre iguais:

Em 391 d.C. ele encerrou os templos e proibiu o paganismo; dois anos depois realizavam-se os últimos Jogos Olímpicos (iniciados em 776 a.C.), acabando com um elemento importante da vida grega que durara mais de 1000 anos. A pederastia e o amor viril, também tradições gregas durante 1000 anos, estavam igualmente condenados. (NAPHY, 2004, p.59)

Quase três séculos de um cristianismo formal e imposto na comunidade cristã mais poderosa do mundo, a homossexualidade ainda subsistia, mas os valores helênicos que os mantinham estavam cada vez mais sendo desdenhado e iria piorar quando Justiniano em 533 colocou os atos homossexuais no mesmo patamar que o adultério, que tinha como lei punitiva a morte. A posteriori em 538 e 544, duas leis foram criadas para esses pecadores pudessem se arrepender e pagar penitência, os que continuassem a praticar os atos, provavelmente cumpririam a lei de 533.

Adentrando a Idade Média (séculos V a XIII), o poder do cristianismo e seus valores se propagaram por toda Europa e exercer grande influência sobre os governos seculares e em consequência do corpo social. Embora com o poder e em ascensão no início da Idade Média e por longos séculos a igreja católica coexistira com a tradição pagã, e é nesse cenário que a religião irá formular os seus ideais sobre o corpo, sexo e natureza e se impor.

A visão “cristã primitiva” vai se mostrar muito contraditória na sua ideologia e suas aplicações. É quase consensual que a igreja vai condenar por toda a Idade Média (e isso irá chegar até os dias atuais) atividades sexuais que não tenham como objetivo e fim a procriação, principalmente porque ela se baseou nas tradições das leis mosaicas. Com base na Epístola de Barnabé, cristãos, a exemplo do bispo de Pavia (século VI) já mostrava o seu posicionamento contra a homossexualidade. O que leva a pensar essa contradição é que mesmo com esse posicionamento contra, a igreja diversas vezes recuou com as penas para esses atos, tendo a prova mais concreta quando o Papa Gregório III (século VIII) estabeleceria penitência para esses atos vistos como nefastos.

Essa contradição que se extinguiria do século IX em diante, com a criação da Inquisição do Santo Ofício criada pelo Papa Gregório IX, que tinha por objetivo condenar quem era contra os dogmas pregados pela Igreja. E mais tarde, com a epidemia da Peste Negra, a cristandade começou a associar as catástrofes ocorridas a ira divina, essa, provocada por aqueles que não seguia os dogmas da sua religião. Isso levou muitos judeus, homossexuais e outros na fogueira da inquisição.

E assim vão permanecer, homens e mulheres que se acometeram ao pecado em vários países da Europa até fins do século XVIII, como argumenta Borrillo (2010. p.54): “Durante os séculos XIII a XV, é que a perseguição dos homossexuais vai acentuar-se; até o final do século XVIII, todas as disposições penais, sem exceção, fazem referência ao

mito de Sodoma para justificar a punição de gays e lésbicas.” O último caso documentado de morte de homossexual acusado por sodomia é datado de 10 de outubro de 1783, “nesse dia, Jacques François Pascal foi jogado nas chamas da fogueira, sob a inscrição ‘devasso contra a natureza e assassino’ (BARRILLO, 2010, p.55).

O século XIX, é marcado por grandes mudanças em vários campos da sociedade, tanto no que se refere a vida cotidiana, avanços nos modos de produzir e principalmente das Ciências, de modo que o período irá ficar conhecido como o “século da Ciência”, isso, devido ao surgimento de vários campos disciplinares científicos, os quais destacamos a História, a Sociologia, a Psicologia e Medicina. Nesse ínterim, duas ciências, a Psicologia e a Medicina irão se preocupar sobre a temática da “homossexualidade”, fazendo com que a mesma saísse de uma esfera discursiva da vida cotidiana e religiosa, e torna-se alvo de observações e estudos mais sistemáticos.

Foi no século XIX, que especialistas começam a publicar estudos sobre pessoas que têm práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, que segundo Fry e MacRae(1985, p.62) ,esses especialistas irão inventar duas palavras que a posteriori serão utilizadas como sinônimos: o homossexual e o uranista. A primeira foi utilizada por um médico húngaro, Karoly Maria Benkert. E o segundo surge de um trabalho de um alemão, Karl Heinrich Ulrichs. Esses estudos iniciais mostram que:

O embrião humano, acreditava, Ulrichs, no início não é nem masculino nem feminino, mas depois de alguns meses a diferenciação ocorre. No caso dos uranistas, os órgãos genitais vão numa direção e o cérebro noutra. Assim, se produz uma ‘uma alma feminina encapsulada num corpo masculino’ e vice-versa. (FRY e MACRAE, 1985, pp. 62-63)

É perceptível que o homossexual do XIX, foi visto sob uma ótica biológica e mental, na qual, eles foram caracterizados como doentes, sejam por defeitos biológicos ou

mentais. Peter Fry e MacRae (1985, p. 64) mostram no trabalho do médico Kraftt-Ebing¹ como ele os caracterizava:

“O homossexualismo era uma patologia ou congênita ou uma mera perversão quando praticada por pessoas não uranistas. Este médico austríaco, que foi um dos pioneiros do estudo da homossexualidade e que influenciou a medicina definitivamente, coletou milhares de ‘confissões’ dos seus pacientes e a publicou no seu livro *Psicopatía Sexualis*. Chegou à conclusão de que os uranistas sofrem de uma mancha psicopática, que mostram sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria neurastenia e epilepsia. Acrescenta ainda que ‘na maioria dos casos, anomalias psíquicas (disposição brilhante para a arte, especialmente a música, poesia, etc., ao lado de poderes intelectuais maléficos ou excentricidade original) são presentes e podem se estender a condições salientes de degeneração mental (imbecilidade, loucura moral).”

Esses estudos do século XIX, que transitaram entre a Medicina e a Psicologia causaram grandes controvérsias na sua época, mas ainda sim, eles foram de fundamental importância e influência para os estudos que o sucederiam até os anos de 1950/60. Com grandes influências do pensamento judaico-cristão, agora com bases mais científicas, a homossexualidade iria se transformar de um pecado (sodomia, pederastia, entre outros termos utilizados antes do século XIX) e se tornar uma doença mental na virada do século XIX para o XX, e por fins dos anos da década de 1920, como mostra James Green (2000, pp. 208-213) com assassinatos violentos que foram atribuídos ao índio Febrônio e ao “Preto Amaral”, ambos identificados como homossexuais, a homossexualidade foi parar nas estâncias médico-psiquiátricas e criminológicas, agora, legalmente passível de cura e punição.

Apesar de entrar nessas instâncias, a homossexualidade já havia deixado de ser crime, o que significava o indivíduo não era punido por ser homossexual, mas, outros

¹ Foi um psiquiatra austro-alemão que publicou em 1886, o livro *Psychopathia Sexualis*, um dos primeiros a estudar práticas sexuais “homossexuais” e “bissexuais”, propondo estado mental criminosos para essas práticas. Seu trabalho serviu de referência para muitos psiquiatras que o sucederam nessa linha investigativa.

distúrbios sexuais ou de violência que ocorressem, eram naturalmente associados ao homossexualismo, como Luiz Roberto Mott aponta no caso brasileiro:

Foi, contudo logo após a independência do Brasil, na constituição de 1824, por influência modernizante do Código Napoleônico, que o homossexualismo deixou de ser crime em nosso país, muito embora se permitisse a mesma ideologia anti-homossexual que encontrou nas instituições médicas e policiais as novas pontas de lança na repressão aos pederastas. (1997, p. 7)

Posto em evidência alguns aspectos da história e historiografia que tiveram a homossexualidade como objeto de estudo entre os anos de 1950/60 e os períodos que o antecederam, nos cabe tecer algumas considerações, observações, justificativas e alguns posicionamentos que nortearam esta pesquisa.

Certamente, uma das primeiras justificativas a se dar é em torno do uso excessivo e de certa forma anacrônico (um pecado mortal para nós que nos dedicamos à escrita da história) da palavra homossexualidade. Mostramos que a criação e uso desse vocábulo foram em 1869, uma vez que se utilizar do termo fazendo referência a períodos anteriores é errado, pois o significado atribuído na construção da palavra não é existente no espaço tempo onde se é empregado, a exemplo de quando falamos da homossexualidade (sodomia) da história bíblica ou na Grécia (pederastia). No entanto, o uso do termo é justificado por nós por posições bem claras: cremos que a homossexualidade perpassa por relações sexuais afetivas ou não, entre pessoas do mesmo sexo, apesar de não haver um consenso até hoje sobre suas causas e principalmente definições; e para fins didáticos, uma vez que fazemos as advertências necessárias sobre o dinamismo do vocábulo e sua semântica no tempo e espaço onde esse irá ser utilizado.

Ao que se refere a conteúdo, nos apropriamos cona abordagem de Peter Fry e MacRae (1985, p.116), observa que “a homossexualidade não pode ser pensada isoladamente da sociedade que a produz”, isso reflete muito bem na história que é contada

da homossexualidade, principalmente dos fins do século XIX e metade do XX. Da mesma forma que nesses séculos pouco se pensa na figura da mulher (por isso as poucas menções da homossexualidade feminina, em alguns casos, quase inexistente), e com seus avanços científicos, tecnológico e do capitalismo produzem novos doentes e criminosos, e numa lógica básica produzem a cura e métodos punitivos que geram estudos e capital que alimenta todo um sistema, e que até então não se têm nenhum interessado que faça uma oposição a isso, cenário que vai mudar nos anos de 1960 até a atualidade.

Em todo Ocidente (o principal foco e maior movimentação ocorre nos Estados Unidos) em fins dos anos de 1950 e principalmente 60, (re)surgem vários movimentos sociais, que tem como agenda básica de luta, emergir dentro da sociedade civil e assim garantir seus direitos enquanto cidadãos, que outrora lhe fora negado na sociedade que mantinha características “tradicional e conservadora, forjada sob o signo patriarcado e da supremacia do homem branco” (AMORIM, 2012, p.37).

Esses movimentos que ficam conhecidos como feminismo, movimento homossexual, dos negros e dos hippies, faz parte de movimentos distintos, mas possuem algo em comum: lutam por direitos civis legais diante do contexto social em que vive. Pensar na história e na historiografia da homossexualidade, sem perpassar e contextualizar a revolução sexual e de contracultura ocorrida nos fins dos anos de 1960 é impensável, principalmente no que tange a alguns princípios básicos que nortearam o movimento como a liberação sexual, o rompimento com a ideia de que as relações heterossexuais e monogâmicas são os modelos que devem ser seguidos e respeitados dentro da sociedade. Assim sendo, o movimento homossexual estava muito próximo do feminista, embora, as pressões realizadas pelo primeiro só dariam resultados mais práticos em 1973, quando a homossexualidade deixou de ser classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria.

No que tange a academia a temática da homossexualidade nos anos 1960 e 70, Engel observa que:

A repercussão nos meios acadêmicos do movimento feminista e do movimento gay, organizados e consolidados nas sociedades contemporâneas a partir de fins dos anos de 1960 e inícios dos anos de 1970, podem ser apontados como um dos aspectos responsáveis pelo fato de que boa parte das reflexões em torno do discurso sobre o sexo, bem como das vivências e das práticas sexuais, foi produzidas no âmbito da história da mulher e da história da homossexualidade. (2011, p.286)

No Brasil, todo e qualquer movimento que pudesse ter surgido nos anos de 1960, foram interrompidos pela experiência do Golpe Civil-Militar dado na democracia brasileira em 31 de março de 1964, e ainda oprimidos e com menos força para insurgimento em 1968, com o estabelecimento do AI 5 (Ato Institucional Cinco). Somente com o arrefecimento da ditadura em 1978, os movimentos sociais retomam a cena e como mostra James Green (2000, p.273), “foi um ano mágico para o Brasil, após 14 anos de ditadura militar várias camadas da sociedade saem para gritar ‘abaixo ditadura’”. E no mesmo ano:

(...) uma dúzia de estudantes, escriturários, bancários e intelectuais reuniam-se semanalmente em São Paulo. Indo de apartamento em apartamento, sentando no chão por falta de móveis suficientes, eles planejaram o futuro da primeira organização pelos direitos dos homossexuais no Brasil. (GREEN, 2000, p.273)

Nesse contexto, se cria o primeiro movimento organizado em defesa dos homossexuais no Brasil, a SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual que terá um maior aprofundamento no capítulo que segue.

CAPÍTULO 2

UMA INTRODUÇÃO AO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO

Quando nos propusemos a dedicar uma parte deste trabalho a analisar o “*Movimento Homossexual Brasileiro*”² já tínhamos assimilado algumas noções teóricas e metodológicas que podiam ser adotadas. De imediato, pensamos por se tratar de um Movimento Social a orientar a análise à luz de um campo historiográfico denominado *Histórial Social* em um ramo específico, como chama a historiadora Hebe Mattos, História e movimento social.

Com em base dois livros que se tornaram clássicos brasileiros de teorias e metodologias da história, *Domínios da História Ensaio de Teoria e Metodologia* (1997) e *Novos Domínios da História* (2012), ambos dos historiadores Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso (organizadores) tivemos suporte fundamental para conduzir a pesquisa. Fomos consultar alguns parâmetros de como esse campo de pesquisa vem se desenvolvendo, onde achamos o trabalho da pesquisadora Hebe Mattos, História Social no primeiro livro e depois História e movimento social, no segundo.

O primeiro norte de pesquisa que obtivemos é quando Mattos aponta alguns problemas de pesquisa quando se relaciona movimento social e história (social):

A construção de identidades coletivas e a problemática da agência social na história. Quando e como se constituem agentes sociais coletivos nos processos históricos? O quanto ações e escolhas dos atores sociais, individuais e coletivos importam para o devir histórico de uma dada sociedade? (2012, p.95)

² Adotaremos a sigla MHB para designar o Movimento Homossexual Brasileiro.

Com essas concepções em mente, iniciamos o reconhecimento de uma bibliografia específica do que aqui chamamos de uma “Historiografia da homossexualidade” brasileira, que tivesse como principal foco o “Movimento Homossexual Brasileiro” para que pudéssemos avaliar as análises feitas até então para que se pudessem tirar algumas conclusões.

A partir desse momento, surgiram grandes problemáticas para a pesquisa (mas que também gerarão grandes questionamentos para a mesma). Um primeiro problema que se faz necessário apontar é a falta de uma bibliografia específica e de caráter inteiramente histórico que tenha como cerne o Movimento Homossexual Brasileiro. O livro *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90* (2005) de Regina Facchini e a dissertação de mestrado em sociologia de Michele Conde, *O Movimento Homossexual Brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício de cidadania* (2004), foram obras de fundamental importância para fazer um percurso do movimento, embora estejam voltadas para o campo da antropologia e sociologia, respectivamente.

Para solucionar a pouca bibliografia específica, essa fruto de um movimento historiográfico ainda incipiente, buscamos em autores que trabalharam a temática da homossexualidade brasileira e acabamos por captar as observações e análises que os mesmo fizeram sobre o movimento, entre esses autores estão Luiz Mott, João Silvério Trevisan, James Green, Peter Fry e Edward MacRae, todos militantes do movimento homossexual brasileiro.

Ao entrar em contato com esses escritos, notamos algumas ausências e tendências relativas ao conteúdo dos estudos até agora elaborado, que nos levaram a interrogar, por exemplo, a gênese do movimento homossexual no Brasil, as influências que receberam de outros movimentos e negações dela, a questão dos militantes entre outras questões que

serão postas sistematicamente nos tópicos que seguem com intuito de mostrar como essa historiografia delinea o movimento, e fazendo questionamentos quando necessário.

2.1. Um protótipo de um Movimento Homossexual Brasileiro na década 1960?

A primeira questão que me veio à cabeça ao pensar um MHB enquanto estudante de história foi: qual data, fato e /ou parâmetro foi estabelecido para o “início” do Movimento Homossexual Brasileiro? Dentro dos estudos históricos tanto os mais tradicionais quanto os mais atuais (mesmo que muitos neguem) a demarcação de datas e fatos se fazem necessário, ela nos diferencia das demais disciplinas e nesse quesito ela é o menos consensual possível. Exemplo claro pode ser retirado ao perguntar a um historiador do período medieval quais os marcos e datas que marcam o início e fim da Idade Média, o debate estará iniciado, argumentos e fontes estarão dispostas para se discutir a questão.

Ao pesquisarmos a questão do MHB nos deparamos com algo incomum, entre os pesquisadores do tema: há um consenso da gênese do movimento. Ela é demarcada pela publicação do jornal alternativo *Lampião de Esquina* e surgimento do grupo *Somos* em São Paulo em 1978, como aponta Michelle Conde mostrando-nos quais pesquisadores³ ela verifica tal afirmação:

Há um consenso de que o início do movimento homossexual brasileiro aconteceu nas páginas do jornal *Lampião de Esquina*, publicado pela primeira vez em abril de 1978, na cidade do Rio de Janeiro- RJ (2004, p.82)

No mais, não gostaríamos de contestar a uniformidade da informação, ou as escolhas que fizeram com que esses pesquisadores optassem por esses marcos, uma vez que cada pesquisador tem suas concepções, adotaram um conceito epistemológico para

³ Mac Rae, 1990; Almeida Neto, 1999; Green, 2000; Trevisan, 2000; Câmara, 2002.

rotular o que seria um movimento social, e assim, demarcar a “gênese” do movimento. Embora, seja válido questionar em que medida o poder e influência desses militantes interferem na história, essa relação de poder e a escrita da história muito bem apontada pelo historiador Francisco Falcon:

A história da humanidade deve neste caso ter presentes estas duas maneiras de ver a questão das relações entre a história e o poder: há um olhar que busca detectar e analisar as muitas formas que revelam a presença do poder na própria história; mas existe outro olhar que indaga dos inúmeros mecanismos e artimanhas através dos quais o poder se manifesta na produção do conhecimento histórico. (1997, p.96)

Ao que me coube observar, os impactos da militância na história da homossexualidade fica claramente exposta quando se quase desconhece ou pouco se utiliza, do trabalho pioneiro de José Fábio Barbosa e Silva de 1959, que é lembrado por Lance Arney, Marisa Fernandes e James Green (2003, p.322) quando fazem um trabalho de levantamento bibliográfico de autores que se debruçaram sobre a temática da homossexualidade e contém o trabalho de José Fábio Barbosa e Silva, "Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo", de 1959 os autores identificam como a primeira pesquisa moderna realizada no país, na qual homossexuais aparecem como grupo minoritário.

Também são notáveis os efeitos dessa uniformidade quando verificamos a falta de produção sobre os períodos de 1960 e das elaborações que o período gerou principalmente, a questão da imprensa gay, que também acaba tendo como marco o Lâmpião de Esquina, mas como rememorou Jorge Caê Rodrigues:

(...) no início da década de 1960, surgiram as primeiras publicações dirigidas para o público homossexual. No Rio, tínhamos, de restritíssima circulação, as publicações do snob, Le Femme, Subúrbio à noite, Gente Gay, Aliança de Ativistas Homossexuais, Eros, La Saison, O Centauro, O Vic, O Grupo, Darling, Gay Press Magazin, 20 de Abril, e o Centro; em Niterói existiam Os Felinos, Opinião, O mito; em Campos existia o Le Sophistique; na Bahia contava com O Gay e o Gay Society, o Tiraninho, Fatos e fofocas, baby Zéfiro, Little Darling e Ello. (2014, p.89)

Não obstante a circulação dessa imprensa alternativa⁴, vários escritores desses jornais fundaram um órgão imprensa gay que “Entre 1962 e 1964 funcionou, inclusive, uma Associação Brasileira de Imprensa Gay, dirigida por Agildo Guimarães e Anuar Farah, no Rio de Janeiro. A associação foi fechada pelo regime militar.” (LIMA, 2007, p.3). O grande quantitativo desses jornais mostra uma clara luta por um espaço social que ainda era nascente nos anos de 1960 e que logo seria cessado com a ditadura.

Vemos assim, que mesmo sendo interrompido, há indícios claros que houve uma forte movimentação dos homossexuais dentro dos limites cabíveis à época, que embora não seja o nascimento do MHB como vem pregando a atual historiografia da homossexualidade merece uma atenção especial, uma vez que há fatos, fontes e estão inseridos num contexto da história brasileira no mínimo muito interessante para quem dedica seu tempo a história contemporânea.

2.2 A Gênese do Movimento Homossexual Brasileiro: O Lampião de Esquina

Os fins dos anos de 1970 marcam na história brasileira “o início do fim” de um terror que começara em 1964, a ditadura militar. Em 1964, militares apoiados por parte da sociedade civil, grande imprensa e setores da igreja católica, derrubam o Presidente eleito, João Goulart, e instauram um governo autoritário que cassa e caça a quem contestasse. O governo militar durou 21 anos, mas já por volta dos anos 70 com as sucessivas falhas econômicas que o país sofria, o regime se abrandou e houve uma distensão política, “uma abertura lenta, gradual e segura” nas palavras do então Presidente Geisel. Foi um momento

⁴ A imprensa alternativa ou “nanica” foi uma prática jornalística feita por veículos de comunicação ou instituições fora dela para cobrir fatos e informações negligenciadas pela grande mídia.

único, no qual movimentos sociais surgiram e ressurgiram num cenário para contestação da ditadura.

Nesse contexto, nos meses de abril e maio de 1978 se tornariam datas de grande importância para os homossexuais no Brasil, nasce nesse período o “primeiro grande jornal”⁵ de uma imprensa voltada para o público homossexual, *O Lampião de Esquina*⁶. E em maio é fundado o *Núcleo de Ação Pelos Direitos dos Homossexuais*, ambos em São Paulo e que se tornariam o pontapé inicial para o que se configuraria como o Movimento Homossexual Brasileiro e iniciariam uma luta sistemática pela causa, como aponta James Green:

Durante o longo verão entre 1978 e 1979, uma dúzia de estudantes, escriturários, bancários e intelectuais reuniam-se semanalmente em São Paulo. Indo de apartamento em apartamento, sentando no chão por falta de móveis suficientes, eles planejaram o futuro da primeira organização pelos direitos dos homossexuais no Brasil. (2000, p.273)

O Movimento é plural, tanto no que se referem aos seus militantes quanto aos seus objetivos, coisas que se entrelaçam e que vão afetar as relações do grupo e seu campo de atuação social e política, perspectiva historiográfica da Nova História Política ao qual nos vinculamos que como mostra Cardoso, “(...) pressupõe um entendimento do poder imbricado nas relações sociais. Essa dimensão do poder e da política disseminado pelo social representa uma perspectiva de análise não restrita ao campo da institucionalização do poder e do estado.” (CARDOSO, 2014, p. 72). Essa entre militância e a formatação do movimento precisaria ser analisada com mais afinco, embora não termos espaço para tal, no entanto, iremos tecer algumas considerações que vislumbramos ser importante.

⁵ O uso do termo *grande primeiro jornal* é para dar ênfase a dois pontos que consideramos cruciais: o primeiro é relativo à existência muito anterior de jornais no Brasil para um público homossexual; e o segundo é justamente a diferenciação desse jornal para os demais, que tem haver com sua grandiosidade tanto no primeiro número de exemplares, cerca de 10 mil, e o nível profissional com que esse foi feito.

⁶ O conselho da primeira edição do *Lampião de Esquina*: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysostómo, Clóvis Marques, Darcy Panteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, JEAN-claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. *Lampião*, 1978, ed.0, p.1

A primeira coisa a analisarmos é o modelo do Movimento, verificarmos as ações e demandas que esses tiveram. Apesar de não termos contato com nenhum dos militantes e em virtude não foram realizadas entrevistas, usamos como fonte o primeiro instrumento sistemático do período que foi utilizado para espalhar/mostrar seus ideais e informações a dos homossexuais no país, O Lampião de Esquina, na sua edição experimental de número 0.

Na primeira página a chamada, *Celso Curi processado. Mas qual o crime deste rapaz*, traz crítica clara à justiça brasileira que vivia sob controle da ditadura que enquadrou o jornalista Celso Curi no artigo 17 da lei 5.250 (lei de imprensa), acusado de ofender a moral e os bons costumes (LAMPIÃO, 1978, 0, p.6) na sua coluna do jornal paulista Última Hora. *Saindo do Gueto*, matéria com intensa chamada para que os homossexuais saiam do gueto e que não vai mais aceitar estigmas (LAMPIÃO, 1978, 0, p.2). O jornal tenta ser abrangente, principalmente, quando em seus textos verificamos várias noções do contexto nacional, mas não perdendo foco do seu público alvo. Assim, concordamos com Green ao apontar que “As demandas do movimento faziam parte das articulações contra a ditadura e continham reivindicações que visavam uma sociedade pluralista, além de proporem novos conceitos sobre a sexualidade, o comportamento e a própria natureza política” (2014, p.178).

Aparentemente quando falamos do jornal e do movimento que está nascendo, parece que estamos falando de algo uno, entretanto, se faz necessário expor que não o são. Embora o *Lampião* “fundar” e difundir o MHB, alguns dos seus criadores e colaboradores fizessem parte da mobilização, Antônio Carlos Moreira em entrevista para Jorge Caê Rodrigues diz: “o ‘movimento’ era uma outra coisa, e o *Aguinaldo* fazia questão de deixar isso claro! O Francisco Bittencourt, aliás, era a pessoa mais avessa ao ‘movimento’. (...) A preocupação era que o jornal não virasse uma voz da unidade do

movimento gay”. (2014, p.100). A clara busca do jornal para um distanciamento com o movimento ocorre principalmente por dúvidas do formato ao qual se executaria o jornal, principalmente no que se diz ao “caráter político” que esse poderia ter e que poderiam ser prejudiciais ao jornal, seus idealizadores e executores, uma vez que ainda no período o governo era uma ditadura. O governo apesar de estar em uma abertura, “lenta, segura e gradual”, ainda oprimiu muito a quem contestasse inclusive e principalmente movimentos sociais.

Apesar de conhecermos essa relação um tanto quanto complicada entre jornal e o movimento, e termos noção de que tanto a historiografia quanto a memória dos militantes o tratam como fenômenos separados, temos uma posição diferenciada, principalmente quando acreditamos na noção de Alain Touraine sobre movimentos sociais, onde argumenta:

A noção de movimento social só é útil se permitir pôr em evidência a existência dum tipo muito particular de ação coletiva, aquele tipo pelo qual uma categoria social, sempre particular, questiona uma forma de dominação social, simultaneamente particular e geral, invocando contra ela valores e orientações gerais da sociedade, que ela partilha com seu adversário, para privar este de legitimidade. (1999.p. 113)

O *Lampião* teve uma grande representação, tanto simbólica quanto informativa. Num período repressivo, onde impera o discurso “da moral e bons costumes”, um jornal homossexual falar e informar sobre temas de minorias é um grande feito e que não pode ser rechaçado, além da enorme colaboração em organizar o Movimento homossexual. Além disso, o fato da militância que muito dos colaboradores exerciam simultaneamente ao jornal, serve como mais um indicativo que entender o jornal como separado do movimento é não lhe dar a devida importância, e se assim ainda sim considerar, pode-se avaliá-lo como pelo o menos um objeto em prol dos homossexuais e se tratando de uma ação coletiva, o jornal também englobaria o movimento social.

2.3 O Primeiro Grupo Homossexual Brasileiro: Somos

Como já elucidado anteriormente, o MHB começa em 1978, em São Paulo, com reuniões de alguns escritores, intelectuais, estudantes entre outras pessoas que estavam a refletir sobre o contexto político e social brasileiro, ao qual, a homossexualidade fazia parte e era estigmatizada. Eles assumem o nome de *Núcleo de Ação Pelos Direitos dos Homossexuais*, que é a primeira organização não institucionalizada que irá levantar a bandeira homossexual no Brasil, que “buscava atrair cada indivíduo para assumir a responsabilidade de atuar sobre a realidade” (CONDE, 2004, p. 86).

Em 1978, já começam discussões sobre alguns rumos do grupo. O primeiro tem haver com o nome dado ao grupo que tinha uma conotação política e poderia não ter adesões devido ao contexto repressivo, que depois de muitas discussões, em 1979, se tornaria Somos: Grupo de Afirmação Homossexual. Nomenclatura utilizada com menos teor político, fugindo dos padrões estadunidenses com a referência do termo “gay” e se afirmando enquanto um movimento homossexual. E em fevereiro do mesmo ano, participaram de um ciclo de debates públicos na Faculdade de Sociologia de São Paulo (USP), que tinha como tema os movimentos de emancipação, onde, os homossexuais foram representados pelo Somos e por alguns editores do *Lampião*, o que para Green (2000), seria a *saída do armário* do Movimento Homossexual Brasileiro, e que inspiraria os demais movimentos homossexuais no Brasil a emergirem.

Até 1983, ano de extinção da Somos, verificava que o grupo tinha buscava se firmar e ganhar visibilidade, mas não tinham uma “agenda” de ações, realizaram-se alguns eventos, o mais notório foi em abril de 80, o I Encontro nacional do Povo Gay. No mais, as ações ficavam entre debates de conscientização, e as sempre presentes discussões sobre os

rumos do grupo e associações. A organização havia várias divisões: uma ala mais esquerdista, uma voltada ao próprio movimento e o grupo de lésbicas.

O lado mais voltado para o movimento colocava os homossexuais no centro da causa, e no contexto ainda de ditadura a relação com outros movimentos sociais se fazia necessária e essa ala acusava as esquerdas ortodoxas de serem preconceituosas e colocarem a luta de classes em primeiro plano, deixando as questões de minorias como uma causa menor. As lésbicas por sua vez achavam que eram invisíveis e acusava muitos membros dentro do grupo de ser misógino, o que provocaria um rompimento das lésbicas que fundariam Grupo de Ação Lésbico-Feminista (Galf). E como aponta Conde:

Essa não foi a única cisão ocorrida no Somos, pois um grupo de militantes recusou-se a identificar-se com a Convergência Socialista, alegando que o alinhamento do grupo ao *modus faciendi* da política partidária tradicional distorceria os reais interesses do grupo, que, em sua opinião, eram os de discutir a sexualidade e lutar contra a discriminação sexual. Esse grupo divergente fundou o grupo Outra Coisa, e os integrantes que se alinhavam à Convergência Socialista criaram a Facção Gay da Convergência Socialista. (2004, p.89)

A Somos é extinta em 1983 devido a essas grandes divisões do grupo, alguns membros aderem a partidos políticos de caráter progressista e esquerdista que estão voltando da clandestinidade, outros fundaram novos grupos de defesa dos homossexuais, grande herança que a Somos com seu pioneirismo deixa para a comunidade brasileira, mesmo se extinguindo em um momento crucial para os homossexuais, onde a AIDS surge e começa a se estigmatizar os homossexuais.

2.4 O Advento da AIDS: Uma Faca de Dois Gumes

O primeiro caso de HIV/AIDS no Brasil é diagnosticado em 1982, em São Paulo. Ele representa um início de novo estigma para os homossexuais, pois, a doença estaria

associada a esse grupo, que seria de risco e foi um claro enfraquecedor do Movimento Homossexual, uma vez que assumir-se, era está se mostrando um indivíduo mais passível da enfermidade.

Mas, ao mesmo tempo em que a doença enfraquecera o movimento, ela se tornaria uma bandeira de luta e daria um impulso a esse nos anos que o sucederia. Com o enfraquecimento e fim da Somos, outros grupos se entraram da causa. O primeiro foi o Grupo Gay da Bahia, que surgiu em 1980, ainda está atuante e tem protagonizado conquistas muito importantes para o movimento. Fundado por iniciativa do antropólogo Luiz Mott, o Grupo Gay da Bahia (GGB) foi o primeiro a registrar-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, e, em 1987, foi declarado de utilidade pública pela Câmara Municipal de Salvador-BA.⁷ Outro grupo importante foi o *Triângulo Rosa* (1985), Rio de Janeiro, liderado pelo ex-membro do *lampião*, João Mascarenhas. Ambos os grupos irão se mobilizar para prevenção e tratamento de aidéticos.

Uma das marcas mais significativas do GGB foi encabeçar a luta para retirar a homossexualidade do rol doenças, no qual era identificada precisamente como desvio e transtorno sexual, conforme o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças:

Mott liderou essa campanha em várias frentes e acabou por receber o apoio de várias entidades, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs), bem como de várias personalidades e de inúmeros parlamentares. Um abaixo-assinado com dezesseis mil assinaturas apoiava a reivindicação do movimento. Mott ainda encaminhou consulta ao Conselho Federal de Medicina (CFM), em que questionava a homossexualidade ser considerada doença. O fruto dessa intensa campanha foi uma resolução baixada pelo CFM, em fevereiro de 1985, pela qual a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença, e passou a integrar uma das outras circunstâncias psicossociais, como o desemprego, o desajustamento social e as tensões psicológicas (CFM, 1985). (CONDE, 2004, p.91)

⁷ Dados colhidos no site oficial do grupo, disponível em: <www.ggb.org.br>.

Outro importante passo dado pelo GGB, junto com o *Triângulo Rosa* e outros 10 grupos foi um manifesto a várias associações de cunho científico (antropologia, sociologia e outros) para não se utilizar o termo opção sexual quando se referisse à homossexualidade, uma vez que esse implicava opção, escolha, que era passível de julgamento moral. O termo a ser expresso era orientação sexual, termo que não aponta para uma escolha de conduta. Seguido disso, os grupos se mobilizaram durante a assembleia constituinte tentando introduzir no artigo 3º, inciso IV, para a Constituição de 1988 a discriminação por orientação sexual, que não teve êxito.

Os fins de 1980 e os anos de 1990 vão ter o que Facchini (2005) chama de *Reflorescimento do MHB*, o número de grupos ativistas dos homossexuais vão ser crescentes e ativos, e irão se organizar politicamente, o marco disso é a criação Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT) em 1995. Vários encontros nacionais serão realizados, os movimentos terão grande apoio (financiamentos) de órgãos públicos na área da saúde para combate e prevenção da AIDS, serão grandes associados de partidos políticos de tendência esquerdista, principalmente o PT. E, é a partir daí que essas organizações vão procurar se igualar civilmente no que se refere a direitos perante a sociedade, propondo políticas públicas que atendam as demandas desses segmentos sociais, a exemplo da homoparentalidade, as conjugabilidades, a homofobia e o combate ao HIV/AIDS.

CAPÍTULO 3

O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL SERGIPANO

Anteriormente, fizemos um breve levantamento da trajetória factual e historiográfica do MHB, mostrando as tramas da construção do mesmo. Constatamos que em São Paulo, o *Lam্পião de Esquina* e o *Núcleo de Ação Pelos Direitos Homossexuais (e logo depois Somos)* deu a partida para o que conhecemos como MHB que tem seu núcleo em São Paulo, depois em 1979, formam outro agrupamento, o *Somos* (RJ) e em 1980, o paulistano erradicado na Bahia em 1979, o antropólogo e historiador Dr. Luiz Mott decano do movimento funda o Grupo Gay da Bahia (GGB) que é o segmento homossexual mais antigo, bem sucedido e ainda ativo no Brasil.

O GGB, personificada na pessoa do Luiz Mott ajudam a fundar em 1981, na capital sergipana, a 1º entidade do Estado, 2º do nordeste e 4º do Brasil em defesa dos homossexuais, o *Grupo Dialogay de Sergipe (GDS)*.

O estudo da instituição é regado de adversidades. Uma delas é relacionada à falta de documentação e restrição a ela, uma vez que com a dissolução da Dialogay em 2003, os documentos possivelmente foram espalhados entre os membros e ficaram alocados e esquecidos em outras organizações que a sucedera Astra⁸ e ADHONES . Além da falta de uma bibliografia de estudo sobre a associação como é verificável em Marcos Ribeiro de Melo (2013, p.32) quando em 2009, em pesquisa para seu doutoramento o mesmo constatou que existem poucos escritos sobre o movimento (e os existentes tem um

⁸ A Astra - Direitos Humanos e Cidadania GLBT é uma organização não governamental sem fins lucrativos fundada em 30 de novembro de 2001, na cidade de Aracaju (SE). É uma entidade de utilidade pública, reconhecida pela Lei Estadual nº. 5.198 de 9 de julho de 2006. Sua direção é composta por gays e transgêneros que atuam em diversas áreas profissionais, como direito, pedagogia e jornalismo, além de voluntários. Embora a Astra venha antes do fim da extinção da Dialogay, ela se torna herdeira por ter objetivos e públicos similares ao Dialogay, além de muitos militantes se adentrarem ao grupo.

engajamento militante muito grande) em Sergipe e a dificuldade para se conseguir os documentos, embora, tenha tido sucesso para obtê-los em sua pesquisa.

Já na nossa experiência em buscar os documentos da instituição não fora bem sucedida, pois houve alguns obstáculos referentes às instituições, além das dificuldades de uma bibliografia contada nos dedos. Para solução destes problemas, fizemos um remonte da Dialogay confrontando os trabalhos do prof. Dr. Marcos Ribeiro de Melo ⁹ e Prof. Esp. Gilvan Rosa ¹⁰.

Em 1981, é formada a instituição e afirmamos da influência e apoio do GGB, que são as únicas alegações que não passam por um forte embate de memórias e das pesquisas. Contudo, esse rito de formação é cercado por alguns confrontos entre os membros, “José Silva” ¹¹ em entrevista a Melo (2013, p.79-80) mostra na sua versão sobre a constituição do movimento que ele foi o primeiro divulgador, distribuidor e organizador do Lampião de esquina em Aracaju em 1980, que na edição 33 ¹² continha seu nome e endereço e isso fez com que Luiz Mott viesse a cidade e propôs que se fundasse um grupo aqui nos mesmos moldes da Bahia. Em entrevista ao mesmo autor (2013, p.80), o Vice-presidente da

⁹ Marcos Ribeiro de Melo é professor de departamento de educação da UFS, campus Itabaiana e foi militante do movimento, além de ter trabalhado como psicólogo na Dialogay no início dos anos 2000. O principal trabalho utilizado foi sua tese de doutorado intitulado, “Itinerários e lutas: o engajamento de lideranças dos movimentos Homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012)” defendida em 2013, embora o objetivo central não seja mostrar as tramas da Dialogay em sua existência, o autor traz uma importante contribuição de levantamentos de entrevistas e memórias de militantes do movimento, além de fazer importantes apontamentos pautados em documentos, atas e jornais conseguidos.

¹⁰ Gilvan dos Santos Rosa é professor de história da rede pública, é especialista em políticas pública pela Universidade Tiradentes Sergipe, cujo tema foi *Terceiro setor: um estudo no Grupo Dialogay Sergipe* em que o autor aborda o grupo desde o seu surgimento até sua extinção, afim de ofertar um instrumental interpretativo para o mesmo enquanto uma organização da sociedade civil.

¹¹ Nome fictício que Marcos Ribeiro se utiliza para o Presidente e fundadora da Dialogay, Wellington Andrade.

¹² Na entrevista a Melo, “José” se diz como também organizador do Lampião, que não é algo factual, pois o jornal era produzido nos eixos Rio e São Paulo. O que constava era uma carta que vários homossexuais no Brasil mandavam sobre suas experiências e o Lampião tinha um espaço dedicado a isso, não significando que fosse do corpo do jornal.

instituição no período desmente essa versão, afirmando que os membros que iriam formar o grupo já tinha solicitado o apoio do GGB.

Rosa (2005) interpreta que o GDS e suas ações podem ser divididos em três momentos/ciclos: de seu nascimento em 1981 até 1993; de 1994 até 1999; e o terceiro momento de 2000 a 2003 o momento da sua extinção. O autor não demonstra claramente o porquê dessa divisão, como vemos em Fachhini (2005) quando a autora mostra o MHB e os divide por bandeiras de luta predominantes nos recortes temporais. E por não termos uma definição clara do autor quanto a isso, não seguiremos essa divisão, embora, nos utilizemos de algumas concepções.

A mobilização sergipana em linhas gerais vai seguir muitas orientações dos Movimentos Homossexuais do Brasil, em especial o GGB. Em um primeiro momento que se estende de 1981 até 1987, a “agenda”¹³ do movimento estaria pautada na aceitação e desestigmatização da homossexualidade, como assevera Rosa:

(...) a entidade elegeu como perspectiva de ação a defesa dos direitos dos homossexuais, fazendo uso do slogan: ‘É legal ser homossexual’, como estratégia de valorização da prática homossexual, tão rechaçada pela polícia e pela sociedade. Neste momento, passou-se a criar a perspectiva do assumir-se em público, através de trejeitos, roupas ou adereços, ou o simples ato de colocar um brinco na orelha, como uma espécie de transgressão e/ou ato de auto-afirmação. (2005, p. 23)

A filantropia também estava presente no grupo nesses primeiros anos, que fica claramente evidenciada no livro de ata 01, quando se encontra em seus objetivos fazer trabalhos de pedágio para ajudar homossexuais que viviam em bairros mais periféricos, além da preocupação em ajudar orfanatos e um homossexual paraplégico. (MELO, 2013, apud. GRUPO DIALOGAY SERGIPE, 1981, pp. 1-3)

¹³ Ao estabelecermos uma agenda, uma bandeira principal do movimento em um determinado momento, não significa a ausência de outras ações, mas que a apontada, no seu contexto, na documentação e bibliografia consultada seria a causa predominante.

Em 1983, Rosa (2005, p. 25) aponta que “o Grupo introduziu as campanhas de combate à AIDS em Sergipe”, realizando a distribuição de camisinhas e falando sobre o tema em público, e em entrevista a Melo (2010), Wellington Andrade faz a mesma rememoração. Contudo, Melo (2013 pp. 96-97) contesta tais afirmações se baseando em atas do grupo, evidenciando uma lacuna entre os anos de 1983-1985 e que a causa para os militantes estarem cometendo esse equívoco quanto ao conjunto de ações tomadas em relação ao HIV/AIDS se trataria de evocar um pioneirismo para o grupo. Essa afirmação de Marcos Melo fica ainda mais forte quando mostra que:

Ao realizarem um balanço sobre as atividades desenvolvidas pelo grupo da sua criação até o ano de 1983, numa carta direcionada “aos grupos, revistas, jornais e ativistas”, contabilizou-se como realizações do grupo: um ciclo de conferências com o fundador do Grupo Gay da Bahia, um piquenique, cinco palestras e debates, cinco shows, o lançamento de um livro de poesias (de uma ativista baiana), seis peças de teatro e a participação no I Encontro Cultural de Aracaju. (2013, apud, SILVA, 1983).

Embora as memórias de Wellington Andrade e o trabalho de Gilvan Rosa (que também foi um militante, esse fato não pode ser desconsiderado) estejam em consonância, além das documentações apresentadas, ainda podem-se apresentar vários outros fatores para desacreditar-nos mesmos. A ação proposta de distribuição de camisinhas nos anos de 1983 nos parece uma confusão das memórias, pois no período ainda não se tinha uma definição de todas as formas possíveis de transmissão do HIV/AIDS o que já como afirma Rosa (2005) sobre as distribuições dos preservativos causou estranhamentos na população. Além disso, o primeiro caso da doença em Sergipe é registrado em 1987.

É também em 1987 que acontece a criação do Programa Estadual de DST/AIDS e é partir desse momento que a Dialogay tem suas relações mais estreitas com política, em especial nesse momento com a Secretária de Saúde, promovendo campanhas. O exemplo

do 1º seminário sobre DST e AIDS de Sergipe, em parceria com o GGB torna isso bastante evidente.

O HIV e a AIDS como já mostrado foi uma faca de dois gumes para os movimentos homossexuais, para a Dialogay em específico ela causou uma dúvida na militância sobre quais rumos seguir, qual causa prioritária do grupo, e, como em todo MHB nos fins dos anos 80 e por toda a década de 1990 a luta contra a epidemia se tornou causa prioritária. O que é importante observar sobre a instituição é algumas peculiaridades da mesma quanto as suas ações, nesse sentido, Rosa afirma:

A entidade foi incapaz desde o início de construir uma agenda local de prioridades ou mesmo de definir uma linha de ação clara. Desde o início manteve-se um laço de amizade com o Grupo Gay da Bahia, através de Luiz Mott, que ajudou no processo de fundação, até mesmo colaborando na escolha do nome da entidade, o que levou o Dialogay a trabalhar sempre com material produzido em outros Estados, sem propor uma campanha essencialmente sergipana. Cabe salientar também que as bandeiras de lutas iniciam o processo de reconhecimento civil dos direitos dos homossexuais, mas aqui em específico estas bandeiras nunca ficaram tão claras para a população. (2005, pp. 24-25)

Para Rosa a instituição não teve uma agenda de causas próprias, viveu a “sombra” de outras instituições e deixou o seu público homossexual com muitos desejos e por isso a instituição se extinguiu, embora, para ele a instituição foi de grande importância para a mobilização em Sergipe e afirma que ao sair de cena a Dialogay deixou uma grande lacuna e nenhum outro grupo da causa que o sucedera a preencheu. (INFONET, 2006, p.1). Para nós, as afirmações de Gilvan Rosa tem um caráter no mínimo contraditório onde a militância que teve influi mais do que os fatos da instituição que exigem uma análise um pouco mais aprofundada.

Não ter causas próprias, viver a “sombra” de outras instituições e não conhecer inclusive o seu público, não foi um problema exclusivo da Dialogay, muitas instituições de todo o MHB, até mesmo o GGB sofreram com esses problemas. As causas não eram

problemas pontuais do Brasil de uma região ou Estado, mas sim do mundo. Homossexuais do mundo todo foram estigmatizados, cada um do seu contexto sócio cultural, as reivindicações surgem das necessidades de todos e não como um fenômeno único e isolado. Os próprios homossexuais tem um alto grau de complexidade, para muitos não se referem a esses como pessoas que tem atração pelo mesmo sexo, tal qual, nos anos 90 se busca viabilizar todas as identidades, usando pontualmente os termos gay, lésbicas, transexuais, travestis e mais à frente outros termos pós-modernistas e isso foi claramente trazido ao Brasil, ao fundar a AGLBT, que por muito tempo quis se desvincular de movimentos e identidades internacionais, mas sempre estiveram ligadas.

No caso específico da Dialogay o seu corpo de militantes é de suma importância para entender os motivos de ter vivido sob grande orientação do GGB. A maioria dos grupos tiveram lideranças e militantes intelectualizadas e com um grau de poder aquisitivo e de grande prestígio maior que a Dialogay, vide Somos com Aguinaldo Silva, Peter Fry, o GGB com Luiz Mott e outros. O grupo sergipano por outro lado, como interpreta Melo (2013, p.80) foi formado por pessoas com profissões de cozinheiro, bailarino e cabelereiros o que inferia uma baixa escolaridade e *possivelmente renda*. (grifos nosso)

E dentro dessa orientação do GGB ou não tendo uma agenda local, e mesmo com militantes com baixa escolaridade, o grupo obteve conquistas e status social e até político que o MHB de um modo amplo não conseguiu. Exemplo claro disso é que na luta da constituinte em por no Artigo da Constituição Federal de 1988 para punição explícita por discriminação por orientação sexual não é estabelecida. Diferentemente da Dialogay que “conseguiu aprovação do dispositivo que proíbe a discriminação por Orientação Sexual, no Art. 3º da Constituição Estadual (aprovada em 1989)” (ROSA, 2005, p. 31).

Nos anos 1990 a instituição com o advento da AIDS consegue registro junto à receita federal, embora ainda não se institucionalize completamente. O grupo tem uma

forte associação política ou pelo a menos simpatia de alguns políticos, consegue encabeçar campanhas contra a AIDS com financiamento do Estado para instituições não governamentais para conter a epidemia no país. Outro fato interessante é que o grupo se lança duas vezes para o cargo de vereador em Aracaju, além de participar em cargos de secretárias de saúde e direitos humanos.

Entretanto, o declínio do grupo começa por sua falta de institucionalização e organização, pois recebe fundos para campanhas e não conseguem gastar corretamente, somado a isso havia a suspeita de que essas verbas foram desviadas e usadas para campanha eleitoral e em 1996, todos esses fatos provocam sérias tensões no grupo e na visibilidade e adesão e no mesmo ano chega a ser noticiada a extinção do mesmo, coisa que não ocorreu. Em 1996, vários membros se reuniram para apurar a situação da instituição e levaram a público os problemas de desvios financeiros que a instituição sofrera, levando de vez ao descrédito.

E para Rosa somente nos anos 2000 que o Grupo se reestruturaria com:

O sociólogo José Marcelo Domingos de Oliveira assumiu a direção da entidade e em menos de quatro meses já havia recuperado e organizado o arquivo que se encontrava no depósito do GAP/SE, com um alto grau de comprometimento. Pleiteou um financiamento junto à Coordenação Nacional de DST e AIDS, o que permitiu a contratação de pessoas para a realização de projetos de prevenção às DST's e AIDS. Em um período de dois anos a instituição passou por transformações profundas. A Gestão "A Borboleta", ao assumir a direção do GDS, imprimiu uma nova postura junto à instituição, com a preocupação constante de estabelecer uma inter-relação com outros movimentos sociais, buscando desenvolver projetos, realizar cursos de capacitação para seus membros na área do terceiro setor, além de realizar pesquisas com a finalidade de conhecer a população que se dispunha a defender. Os resultados desta empreitada podem ser visualizados na redução de número de casos de AIDS e/ou assassinatos de homossexuais. (2005, p. 29)

O grupo encerra suas atividades em 2003, motivada por denúncias dos próprios membros a Delegacia do Ministério do Trabalho, pois a instituição crescera, e contratou profissionais para melhorar suas atividades, mas não foi capaz de cumprir com suas obrigações trabalhistas e Rosa eleva o fim da GDS como:

Um ato político, em parte porque a ASTRA, presidida por Thatiane Araújo, tornava-se assim a herdeira natural dos bens da entidade e do espaço político vago, situação que só se concretizou pela total desarticulação e falta de propósito daqueles que denunciaram o Dialogay na DRT/SE. O ódio dos membros, gerado por anos de disputas junto a uma diretoria que passou 19 anos no poder, somado à incompreensão do lugar de cada pessoa na nova estrutura, ou ainda, por não se encontrarem no novo projeto, terminou levando-os, alguns de forma inconsciente a trabalharem pela extinção do GDS. (2005, p.33)

Por fim, apesar de sua extinção, a Dialogay foi de extrema importância para a mobilização homossexual sergipana e a posteriori LGBT, LGBTT's que a sucedera, abrindo espaço para debates e campanhas que nunca foram realizadas e que continua ainda incipiente em busca do seu espaço.

Capítulo 4

REPRESENTAÇÕES HOMOSSEXUAIS NOS JORNAIS

SERGIPANOS (1988-1999)

Nas nossas discussões anteriores, tratamos como as civilizações da antiguidade até tempos atuais no decorrer da história discursaram sobre os homossexuais e a partir disso os julgaram positivo ou negativamente. Tais discursos tinham como base o mito ou religião, em alguns momentos a própria razão humana, seus interesses políticos e sociais. No século XIX, o homossexual surge enquanto vocábulo, ganha uma semântica e vai estar em laudos médico ligado a uma patologia, o que em poucas palavras significaria que a prática de relação sexual entre iguais seria uma doença, noção que vigeria como ideia por boa parte do século XX. Por fins dos anos de 1960, vão se iniciar em todo ocidente contestações como a forma que a homossexualidade é definida. No Brasil, tal processo só vai ter uma mobilização consistente por fins dos anos de 1970 com o Movimento Homossexual Brasileiro e, em Sergipe, em 1981 com o Grupo Dialogay Sergipe.

Esses debates foram propostos com o intuito de mostrar que o passado e a história da homossexualidade¹⁴ são formatados em discursos plurais e variam de sociedade pra sociedade, a cada tempo, como afirma Highwater: “o que dá forma à sexualidade são as forças sociais (...). Temos de reconhecer que o sexo é objeto de intensa sociabilização e

¹⁴ Já deixamos explícito no capítulo 01 às motivações que nos levaram a conduzir no trabalho o uso do termo homossexual para momentos históricos que o termo nem existia. Agora, tratando dos anos de 1990, quando no Brasil o termo homossexual ganha “variante” para dar visibilidade a outras categorias que não se sentem contempladas com o termo, GLS(gays, lésbicas e simpatizantes), GLBT (gays, lésbicas, bissexuais , travestis e transexuais) ,LGBT que muda a ordem para viabilizar primeiramente as lésbicas que se sentiram menores e acusaram o movimento de serem misóginos (lésbicas, gays, bissexuais , travestis e transexuais) , LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Aqui, continuaremos a usar o termo homossexual em sua maioria, no intuito de abranger todas essas categorias, embora haja alguns conflitos teóricos e identitários com relação a isso. Não descartaremos o uso do termo LGBT, deixando clara a exclusão por motivos de aprofundamentos dos LGBTT e da teoria que os rege, o “Queer”.

que toda cultura define várias práticas como próprias e impróprias, morais e imorais, sadias e patológicas.” (1992, p.16)

Esse momento do trabalho foi pensado inicialmente a partir de observações do nosso presente, especificamente em contradições que visualizamos ao observar alguns retrocessos para com os LGBT's, em que a mídia tem um papel fundamental de difusão. Tais contradições consistem em discursos que figuram o LGBT de “forma positiva” por lhe dar visibilidade, mas ao mesmo tempo contraria por essa visibilidade ser estereotipada, não consegue refletir um real cotidiano e os ridiculariza, fato facilmente verificado em novelas. Ou, de forma mais pontual, em telejornais, jornais impressos ou digitais, que fazem práticas discursivas com fortes opiniões e que não tem um embasamento para tal, criticam, a exemplo, a esses grupos de quererem privilégios tais como casamento civil igualitário, quando na verdade isso é um direito previsto e não lhe é concedido.

A partir dessas contradições, resolvemos estabelecer um estudo que analisaria criticamente os discursos e representações dos homossexuais na mídia sergipana. Só que o tema ainda precisaria de alguns recortes específicos. Para não se tornar um trabalho inviável, pensando nisso escolhemos jornais impressos nos anos de 1988 e toda década 1990, que publicaram matérias que tinham os homossexuais ou grupos homossexuais nas notícias. A escolha da mídia impressa é colaborada por uma informação contida em Rosa (2005) que aponta que a Dialogay se manifestou diversas vezes através de jornais da “grande” imprensa e isso nos serviu como um indicativo extra, além desses jornais terem um grupo de abrangência maior e não tão específico quanto seria analisar jornais da chamada imprensa nanica ou que tratasse do homossexual, coisa que aqui não foram produzidas.

O recorte de tempo é escolhido por ser um momento ímpar da história da homossexualidade, a estigmatização em função da AIDS, mas ao mesmo tempo

reconhecimento público e do Estado. E, por aderirmos à concepção de René Remond (2003) que preconiza que os meios de comunicação, a sociedade e a política se influenciam mutuamente, consideramos que essa análise discursiva sobre os homossexuais em jornais impressos torna-se um trabalho importante que vai contribuir para a análise das relações entre os homossexuais, mídia, sociedade e política, campos ainda em emergência.

A perspectiva teórica e metodológica macro adotada na investigação parte de um ramo da linguística denominado funcionalista, isto é:

A língua passou a ser vista como uma atividade social, manifestada estruturalmente, através da fala e da escrita, mas carregada de significados sociais que são definidos pelo modo como são organizados os textos e pela relação que estes mantêm com o contexto sócio-histórico e cultural em que estão inseridos. (MELO, 2010, p.50)

Um importante trabalho que colaborou efetivamente tanto na dimensão teórica quanto prática, foi o de Iran Ferreira de Melo, que desenvolveu uma pesquisa no seu mestrado que resultou em 2010, no livro *Análise Crítica do Discurso um estudo sobre a representação de LGBT em jornais de Pernambuco*, obra em que o autor analisou jornais que circulavam em Pernambuco entre os anos de 2000 e 2006, verificando tais discursos nos jornais nos dias que antecedem e sucedem a Parada Gay/LGBT de Pernambuco e como esses meios de comunicação tratavam a informação. Embora nossa perspectiva seja diferenciada, não podemos deixar de mencionar a contribuição desse trabalho.

Numa análise mais micrológica, a nível sintático e semântico, para consumarmos elementos para analisar o discurso, destacamos o trabalho de José Fiorin, *Elementos de Análise de Discurso* e o mesmo afirma a importância desse nível analítico, pois “representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso.” (2008, p. 24)

O total de matérias coletadas foram 9 (nove) situadas entre o período de 1988 e 1999, das quais, 4 (quatro) tem um caráter político, 2 (dois) de ações dos homossexuais, 2

(dois) de denúncias e 1 (um) assassinato. Apesar do conteúdo não representar a totalidade de impressos que noticiaram os homossexuais em suas páginas, elas podem nos servir de base analítica para tecer algumas considerações, que seguem pelos temas delimitados em respectiva ordem.

Assim, em Aracaju, 1988, ano de eleições municipais, o Jornal da Manhã ¹⁵ publica uma matéria com a abertura “Presidente da Dialogay quer ser vereador” ¹⁶, que se tratava de uma entrevista ao candidato e discorre com maestria no que se refere ao mostrar o político que iria concorrer à vaga do legislativo municipal, mostrando seus feitos e problemas enfrentados. Na matéria há uma confusão discursiva clara, essa, provocada pelo entrevistado que afirma: “Ao contrário do que muita gente pensa, ‘Esperança’ não vai fornecer preservativos em troca de votos ‘porque o Dialogay não tem nada com a minha campanha’”. ¹⁷ Embora seja a evidente associação das ações da Dialogay e a persona do Wellington até por que ele tem o mais alto do cargo do grupo, ele o nega, mas isso não configuraria algo negativo.

O problema que encontramos na matéria é a menor visibilidade dos sujeitos da Dialogay e do Wellington em que o jornalista informa que “Até hoje ele já conseguiu repassar 100 mil preservativos fornecidos ao Dialogay pelo Bemfam-Sociedade Civil dos Bem estar da Família no Brasil” ¹⁸ que abre um leque de interpretação que torna a ação praticada de distribuir camisinhas pelo candidato juntamente com o grupo que preside como algo que só foi possível pela ação da Bemfam. ¹⁹ Coisa que não é real que o contexto

¹⁵ O Jornal da Manhã fez parte do grupo TV Jornal Rádio e televisão LTDA. pertencente ao atual Prefeito de Aracaju João Alves Filho e sua esposa, a senadora Maria do Carmo e circulou em Sergipe por fins dos anos de 1980 e 1990, e em 2001 deu lugar ao Correio de Sergipe. Entrevista de Ivan Valença cedida ao autor em 03/05/2016.

¹⁶ Jornal da manhã, 1988, p.6.

¹⁷ Jornal da manhã, 1988, p.6.

¹⁸ Jornal da manhã, 1988, p.6.

¹⁹ O Bemfam trata-se de uma ONG pioneira na luta contra DST's e a AIDS, reconhecida pelo Ministério do Desenvolvimento Social como uma entidade beneficente de assistência social.

social e político da época explicam bem, pois os grupos homossexuais vão ser convocados para encabeçar as lutas contra a AIDS bancados pelo Estado, por serem “grupo de risco”, mas também por si mesmos organizarem ações nesse sentido.

A edição do dia 19 de junho de 1991, na coluna *Política* da Gazeta de Sergipe²⁰ veicula “Petista assume defesa dos gays na assembleia”²¹. O teor geral da matéria consiste na cobertura política da tribuna da Assembleia Legislativa de Sergipe do dia 18 de junho de 1991, onde o Deputado Petista Ismael Silva subiu a tribuna pela causa homossexual, já na abertura da matéria observa-se uma omissão de sujeito que pela ação de assumir defesa realizada e principalmente pelo local, causa prejuízos à notícia, pois “Petista” refere-se a quem é do Partido dos Trabalhadores (PT) e não necessariamente um cargo de Deputado ao qual a pessoa referenciada foi eleita para exercer. Outro ponto importante a se tocar na notícia é que se afirma, que “Ele fez a leitura, em tom absolutamente discreto, de um texto em defesa dos homossexuais”.²² A inquietação aqui é causada pelo uso da frase *tom absolutamente discreto* que tem severos implicações, pois oferta duas interpretações distintas: de um lado um discurso em tom de voz absolutamente discreto; e de outro um discurso com um tom absolutamente “reservado nas palavras e nos atos; que não se faz sentir ou notar com intensidade.” (FERREIRA, 2010, p.258). E na última interpretação, a pessoa que discursa (Ismael), sua ação (a defesa) e seu objeto (os homossexuais) é minimizada.

Além disso, a própria relação entre a Dialogay, seu Presidente e o PT é bem estreita, pois Wellington Andrade foi um dos fundadores do referido partido em Sergipe, o

Disponível em: <http://www.aids.gov.br/endereco/bem-estar-familiar-no-brasil-bemfam>. Último acesso em: 10/05/2016 às 15:30.

²⁰ A Gazeta de Sergipe (chamava-se na época Gazeta Socialista) foi fundada em 1948 por Orlando Dantas e em 1956 passa a se chamar Gazeta de Sergipe, circulou até o ano de 2003.

²¹ Gazeta de Sergipe, 1991, p.3.

²² Gazeta de Sergipe, 1991, p.3.

que põe em evidência uma troca de apoios políticos que não exporia de forma tão tímida em plenário.

A matéria “Câmara debate união de homossexuais”,²³ foi divulgada no Jornal da Manhã na coluna política no dia 29 de março. O meio de comunicação nessa matéria veiculara sobre uma plenária na assembleia municipal de Aracaju, onde o vereador Daniel Fortes (PFL) sobe a tribuna com argumentos bíblicos para criticar o casamento homossexual que ocorreu em Aracaju e teve o líder do PT na câmara, Gilvan Melo, como padrinho. A exposição dos argumentos dos parlamentares é feita perfeitamente, só que a substantivação que a matéria usa para o parlamentar do PFL, “pastor-vereador”²⁴ quando diz que o mesmo não aceitou as proposições dos vereadores Sérgio Bezerra (PSDB) e Abrahão Crispim (PT) que levaram a discussão sobre a sexualidade pra uma esfera para além daquela contida na Bíblia. O uso do vocábulo “pastor” pode visto por duas óticas: a justificativa ideológica por ser uma pessoa religiosa; ou uma ironia, uma vez que o estado é laico ou pelo o menos deveria ser.

A nossa última análise caracterizada em um recorte político é da Gazeta de Sergipe, de 1999, intitulada: “Categoria não pode doar sangue. Entidades lançam campanha de reformulação de portaria do Ministério da Saúde”²⁵. Essa aborda a movimentação da entidade homossexual local (que fornece a entrevista na pessoa de Pedro Andrade, coordenador cultural da instituição) juntamente com a AGLBT e outras entidades do país para rever a portaria 1376/93 que proibia os homossexuais de doar sangue por se enquadrarem no grupo de risco da AIDS, argumentação invalidada pelo discurso científico, pois não existe um grupo de risco todos são suscetíveis a doença desde que não se previna.

²³ Jornal da Manhã, 1996, p.3

²⁴ Jornal da Manhã, 1996, p.3.

²⁵ Gazeta de Sergipe, 1999, p.3

A matéria em nossa análise não contém nenhuma interferência que sejam prejudiciais ou afirme positivamente qualquer grupo.

A matéria “Dialogay promove palestra contra violência à mulher”²⁶ tem um caráter eminentemente informativo das ações dos homossexuais e, em nossa concepção, não houve influências que pudessem alterar os seus objetivos, que foi de promover a palestra da Dialogay em prol das mulheres para comemorar o dia 08 de março, Dia Internacional da Mulher.

Como última notícia configurada como ações, temos “Dialogay distribui manual de prevenção no Pagode G.G” (Gazeta de Sergipe, 1999, p.6). O enunciado e o corpo da matéria anuncia sem celeumas a atividade que foi realizada pela Dialogay com o material produzido pelo Grupo Gay da Bahia, entretanto o objetivo da cartilha dito no jornal fica meio embaçado, “inibir a violência continua contra os homossexuais” (1999, p.6), por que a cartilha tem o objetivo de orientar, a inibição da violência é uma consequência que se desdobra ao segui-la

Sob o título “Dialogay repudia discriminação”,²⁷ O Jornal da Cidade²⁸ veicula uma nota em que a Dialogay repudia a discriminação dos atos policiais com homossexuais, pois na opinião de Wellington Andrade, os militares só foram efetivos na prisão dos criminosos do assassinato do homossexual João Bosco Silva de Lima por se tratar de um médico, com poder aquisitivo e com grande representação em Sergipe. O que é notório é que dentro dessa matéria de uma ação denunciativa, há também outras como a promoção

²⁶ Jornal da Manhã, 1989, p.4

²⁷ Jornal da Cidade, 1994, p.7

²⁸ O Jornal da Cidade foi criado em 1970, ainda como teste. De 1º a 7 de fevereiro de 1971, circulou a primeira edição, semanal, no formato tabloide e em preto e branco. A grande novidade é que ele foi o primeiro jornal de Sergipe a utilizar a modalidade off set. Em 8 de abril de 1989, o JC ganhou um novo parque gráfico, composto por moderno sistema de rotativas, novamente o primeiro do Estado. A primeira edição colorida circulou em 2 de maio de 1999. O Jornal foi idealizado por Augusto Franco e mantido pelos seus filhos até a atualidade. Disponível em: <http://itnet.com.br/itnet-parabeniza-o-jornal-da-cidade-pelos-seus-40-anos,15334.html>. Último acesso em: 14/05/2016 às 11:00.

do casamento de homossexuais pela Dialogay, uma nota de não comparecimento de uma atriz global que iria prestigiar a 11ª vigília Internacional em Solidariedade aos Doentes da AIDS que o Presidente da Dialogay coordenava, além de um passeio ciclístico que faria parte dessa vigília. O que nos leva a refletir sobre uma delimitação do jornal sobre espaços cedidos aos homossexuais, seus representantes e temas que lhe fossem de interesse.

Em outubro de 1996, ocorrem eleições para o Grupo Dialogay de Sergipe, que vinha sendo presidido por Wellington Andrade desde sua fundação. Uma nova diretoria é eleita, essa encabeçada por Gilvan Rosa. Os novos dirigentes da instituição resolvem não assumir por apurarem irregularidades na instituição. Em 19 de fevereiro de 1997, divulga-se na Gazeta “Dialogay mergulhado em falcatruas”²⁹, que foi uma entrevista concedida pela nova diretoria do grupo.

A abertura da matéria já indica uma tendência de denúncia do que irá se seguir. Embora Gilvan Rosa e os membros do grupo tenham ido à imprensa com intuito de esclarecer e revelar a situação em que a nova gestão encontrara a instituição, é evidente o uso do sensacionalismo que foi empregado através do vocábulo *falcatrua*, que tem como significado possível “Ação feita com intenção de enganar ou ludibriar; que há fraude” (FERREIRA, 2010, p.415). Apesar da intenção da entrevista cedida ser denunciar, os entrevistados fazem uso de outros termos, tais quais as ações tomadas: “Gilvan Rosa, estará caminhando ao MS, um relatório comprovando as irregularidades e a mau aplicação dos recursos que foram destinados ao Grupo Dialogay, pela diretoria anterior”³⁰.

Além disso, no corpo do texto, mostra uma forte contradição, pois o jornal afirma: “Após 16 anos de existência, o Grupo Dialogay, está preste a encerrar suas atividades devido as várias irregularidades constatadas pela nova diretoria, que não tomou posse

²⁹ Gazeta de Sergipe, 1997, p.4

³⁰ Gazeta de Sergipe, 1997, p.4

diante do que foi detectado”³¹. Entretanto, a diretoria está ali denunciando as irregularidades para retomar as atividades que foram paralisadas durante o período eleitoral e mesmo havendo o fim da Dialogay e a formação de outro grupo, com outro nome, esse teria a mesma essência e planos e público alvo da Dialogay, fato que não se concretiza como fica claro tal processo que Melo descreve e se aproxima das ações até então do grupo inicial:

Em 1996, após disputas internas e a escolha de uma nova direção, que não tomaria posse, o Dialogay passou por uma série de denúncias de irregularidades pelo uso inadequado de verbas do Ministério da Saúde (MS) no período anterior (...) A posição da nova diretoria era clara, extinguir a instituição e formar outra, com uma “nova filosofia”. (2013, p.101)

O intuito da nova diretoria de formular um novo grupo com outro nome, com “novas filosofias” é explicitado no Jornal, mas não oferece nada de novo, tanto que a instituição seguiu até meados de 2003.

A nossa última coleta é do Jornal da Cidade de 1994, que não foi nada mais, nada menos, que uma manchete sobre a apuração de um assassinato ocorrido na capital.



O assassinato do médico João Bosco Silva de Lima foi um caso que chocou a sociedade sergipana, a matéria do Jornal citado acima cobre a reconstituição dos fatos, lhe dá a manchete, várias imagens, uma excelente cobertura de acompanhamento da

³¹ Gazeta de Sergipe, 1997, p.4

reconstituição. Entretanto, na discursiva, existe uma omissão de um fato e termos que aparentemente não foram negados por impossibilidade de uma parte da entrevista cedida, a relação da homossexualidade no caso.

A matéria descreve a fala do réu Kléber onde diz: “Bosco desceu, tirou a roupa e, no momento que mantinham relações sexuais, no banco traseiro do carro(...)”³². Nota-se nesse trecho que a transcrição eles fazem referência a relação sexual, pela ética jornalística ele teria que fazer, mas pela omissão da palavra homossexualidade, nos induz a interpretar a possibilidade da negação dos sujeitos como homossexuais para preservação de imagens, o que pode caracterizar uma figuração do homossexual como algo ruim. Evidentemente que não podemos negar a intervenção familiar e uma solicitação de minimização de um personagem que se relacionava com outros do mesmo sexo.

Outro fato importante na notícia é a grande nota que o jornal faz da situação por problemas que houve no decorrer da cobertura, o que também pode ser visto como mais um desvio de foco da grande notícia, que tem a negação do crime realizado e vitimizado por personagens homossexuais, que talvez não fosse assim rotulado por se tratar de pessoas com alta representação na sociedade sergipana.

O modo da investigação de como os jornais sergipanos representaram os homossexuais sergipanos são examinadas de duas formas: a primeira mais generalista, que pontua as tipificações das matérias, suas quantidades e interpretações dos seus significados; a outra tem uma análise específica da condução das matérias, seus posicionamentos e o que representaram sobre os LGBT’s.

Ao diagnosticar que das 9 (nove) matérias, 4 (quatro) tem um caráter eminentemente político que correspondem a 44,5% do total do material coletado, por si só mostra a principal forma dessas representações.

³² Jornal da Cidade, 1994, p.8

No que diz respeito às conduções das matérias, observamos algumas tentativas de manipulações e que são claras quanto a negação ou minimização das ações realizados pelos sujeitos homossexuais, sejam essas positivas ou negativas.

Em nossa avaliação, os jornais impressos sergipanos não retrataram tão negativamente os homossexuais, tiveram algumas reduções quanto as representações, algumas deturpações de informações ou falta delas que obviamente não podem ser deixadas de lado e alvo de críticas. Contudo, vale salientar que esses jornais deram visibilidade aos homossexuais que a muito lhe era negada, sem radicalidades tanto positivo ou negativamente, contribuindo para uma melhor visualização dos homossexuais dentro da sociedade sergipana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romancista Marcel Proust em seu livro *Em Busca do Tempo Perdido Sodoma e Gomorra* mostra o estigma que se até aquele momento perpetuava sobre os homossexuais: “Raça sobre a qual pesa a maldição e deve viver na mentira e no perjúrio, visto que sabe ser tido por punível e vergonhoso, por inconfessável, seu desejo, o que faz para toda criatura a maior doçura de viver” (1957, p.7).

A homossexualidade provavelmente é existente desde tempos muito remotos da humanidade, muito antes mesmo do que a história possa provar. Cada sociedade no decorrer tempo tem aceitado esse fato de formas diferentes, com graus de tolerâncias diferentes, desenvolvido discursos aos quais os homossexuais estão sendo inseridos de formas positiva ou negativas e que demonstram a naturalidade da atração de pessoas do mesmo sexo. Por também se enxergarem como seres humanos naturais esses se organizam e vão buscar direitos e espaços na sociedade que lhe são negados.

A naturalidade da homossexualidade vem sendo cada vez mais aceita na sociedade em âmbito mundial como no Brasil lugar em que, ao analisarmos o MHB verificamos que esse vem lutando e garantindo seus espaços na sociedade, deixam de serem alvos de discursos e passam a serem construtores, buscam viabilizar e mostrar uma nova história dos seus ao vislumbrarem um momento histórico pra isso.

Por último, uma análise mais contemporânea e específica de jornais impressos de Sergipe visualizando como esses homossexuais foram representados mostrando em que medida as veiculações foram verdadeiras, entendendo também que esse meio de comunicação sofre e influi sobre a vida da sociedade, esperamos ter contribuído para mostrar a afirmação da orientação sexual homossexual na sociedade, na academia e que também esta pesquisa sirva para se perceber várias outras possibilidades de estudo por

conceber que esse trabalho não esgota os temas e as problemáticas que existem dentro da história da homossexualidade e suas vicissitudes.

FONTES

PRESIDENTE do Dialogay quer ser vereador. Jornal da Manhã, Aracaju, 22 de Setembro de 1988.

DIALOAGAY promove palestra contra violência à mulher, Jornal da Manhã, 22 de março de 1989.

PETISTA, assume defesa dos gays na assembleia. Gazeta de Sergipe, 19 de junho de 1991.

DIALOGAY repudia Discriminação, Jornal da Cidade, 19 de maio de 1994a.

KLÉBER volta a acusar o professor Gerson, Jornal da Cidade, 19 de maio de 1994b.

CÂMARA debate união de homossexuais. Jornal da Manhã, 29 de março de 1993.

DIALOGAY mergulhado em falcatruas. Gazeta de Sergipe, 19 fevereiro de 1997.

HOMOSSEXUAIS terão cartilha contra violência, Gazeta de Sergipe, 27 de fevereiro de 1999a.

CATEGORIA não pode doar sangue. Entidades lançam campanha da reformulação de portaria do Ministério da Saúde, Gazeta de Sergipe, 28 de novembro de 1999b.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Rosendo Freitas de; IN: POMPEU, Gina V. M.; SCAFF, Fernando F. (org.) **Discriminação por orientação sexual**, a homossexualidade e a transexualidade diante da experiência constitucional. Florianópolis: Editora Conceito, 2012. Pp. 37-57.

ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James Naylor. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. **Cadernos AEL**, v.10, nº18/19, 2003, Pp. 316-348.

Disponível em:

http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/80/72.

Acesso em 11 de março de 2016.

BRANCAGLION JÚNIOR, Antônio. Homossexualismo no Egito. **Métis:**

história&cultura, v. 10, nº 20, 2011, Pp. 69-79. Disponível em:

<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1339/1074>. Acesso em 10

de março de 2016.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2010.

CARDOSO, Célia Costa. Governo Castelo Branco, contragolpe e frente ampla nas

memórias de militares e civis (Brasil 1964-68). **Perseu, especial**, ano 8, 2014, Pp. 71-88.

CONDE, Michele Cunha Franco. **O movimento homossexual brasileiro**, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício de cidadania. 27 de Agosto de 2004. 351 fls.

Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Goiás. Goiânia-Goiás / Agosto de 2004. 351p.

ENGEL, Magali. História e sexualidade. . IN: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo.

(orgs.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 430-450.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FALCON, Francisco. História e poder. IN: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 98-138.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

GALVÃO, Jane. **AIDS no Brasil**: a agenda de construção de uma epidemia. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCAR, 2014.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000a.

_____. “Mais amor e mais tesão”. A construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Caderno Pagu**, Campinas, nº15, 2000b. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad15/n15a12>. Acesso em 08 de fevereiro de 2016.

HIGHWATER, Jamake. **Mito e Sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

HOCQUENGUEM, Guy. **A contestação homossexual**. São Paulo: brasiliense, 1990.

JENKINS, Keit. O que é história? IN: JENKINS, Keit. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001, Pp. 23-54.

MATTOS, Hebe. História social. . IN: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, Pp. 76-96.

_____. História e movimentos sociais. IN: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo.

(orgs.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, Pp. 95-111.

MELO, Iran Ferreira. **Análise crítica do discurso**: um estudo sobre a representação de LGBT em jornais de Pernambuco. Pernambuco: Editora Universitária UFPE, 2010.

MELO, Marcos Ribeiro de. **Itinerários e “lutas”**: o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe(1981-2012). 30 de Agosto de 2013. 226 fls. Tese de Doutorado em Sociologia - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão / Sergipe – Agosto de 2013. 226 p.

MOTT, Luiz Roberto. **Homofobia**: A Violação Dos Direitos Humanos De Gays, Lésbicas & Travestis No Brasil. S.Francisco, (USA), International Gay & Lesbian Human Rights Comission, 1997.

NAPHY, William. **Born to be gay** história da homossexualidade. Lisboa: Edições 70, 2004.

REMOND, René(org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROSA, Gilvan dos Santos. **Terceiro setor**: um estudo no Grupo Dialogay de Sergipe. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2005. (monografia de Especialização no Terceiro Setor e Políticas Públicas).

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?: iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.